



IV JORNADA DE  
PESQUISA EM  
**PSICOLOGIA**  
DESAFIOS ATUAIS NAS  
PRÁTICAS DA PSICOLOGIA

25 e 26 de novembro de 2011  
UNISC - Santa Cruz do Sul

## RELAÇÕES DE AMIZADE EM UMA POPULAÇÃO IDOSA

*Silvia Virginia Coutinho Areosa*

*Cíntia Kroth Araújo*

*Claudia Maria Corrêa Cardoso*

*Etiane Pereira Moreira*

*Universidade de Santa Cruz do Sul*

### **Resumo**

Este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada por pesquisadores da UNISC que trabalham com a temática do Envelhecimento e anseiam compreender as semelhanças e diferenças entre homens e mulheres na terceira idade em relação às relações sociais, pessoas que buscam os grupos de convivência vinculados a universidade. Contou com uma amostra de 262 pessoas com idades acima de 60 anos que responderam espontaneamente a uma entrevista com 25 questões sobre o seu convívio social e sua participação nos grupos de convivência. Nos resultados verificou-se que as mulheres idosas buscam manterem-se ativas em suas atividades físicas, e nestes espaços encontram e formam novos laços de amizade que propiciam benefícios em todas as esferas da vida destes sujeitos. Sua participação é muito maior do que a dos homens na mesma idade.

**Palavras-chave:** Gênero; Envelhecimento; Relações de Amizade

Com relação à expectativa de vida por sexo, o Brasil apresenta características básicas em sua população idosa, predominando o número de mulheres com idade avançada sobre o de homens. Segundo Heredia (2000) estas sobrevivem em média cinco anos ou mais que os homens, em função da maior tendência de mortalidade masculina. No Rio Grande do Sul a

esperança de vida é de 70,6 anos para homens e 78,1 anos para mulheres, acentuando ainda mais a diferença, com as mulheres vivendo em média oito anos a mais que os homens (IBGE, 2005). A diferença entre homens e mulheres para Ortiz (2005) não está apenas na questão da mortalidade, mas na vivência com enfermidades ou deficiências que impedem que a vida seja autônoma. Com isso, o tempo de vida a mais das mulheres, muitas vezes é um tempo de dependência. O autor salienta, ainda, que a experiência de compartilhar os anos de velhice com o esposo é menos habitual para as mulheres, sendo a grande maioria de homens casados, mas a maioria de mulheres viúvas, separadas ou solteiras. Debert (1997) relata que, referente a gênero e envelhecimento, a tendência das pesquisas enfatizam os fatores psicológicos na velhice, considerando que a androgenia caracteriza as etapas mais avançadas da vida. Papéis sociais, valores e atitudes, considerados tipicamente masculinos ou femininos, tenderiam a se misturar na velhice. No entanto, o novo enfoque dado à questão do envelhecimento tende a transformar essa experiência em algo radicalmente diferente para homens e mulheres. A autora ressalta que as diferenças, na forma como homens e mulheres representam a sua velhice, percebendo ou não as mudanças ocorridas no processo de envelhecimento nos contextos urbanos brasileiros, são elementos fundamentais para se entender as diferenças de gênero no envelhecer. É necessário conhecer o perfil do idoso para que se possam pensar e desenvolver políticas públicas adequadas às suas necessidades. Cada idoso vivencia sua velhice de uma maneira muito particular, porém o velho ainda é visto de uma maneira estereotipada e homogeneizada por grande parte da sociedade. Por isso, é preciso ter cuidado para que não sejam elaboradas políticas públicas destinadas a uma velhice estereotipada. Neste estudo torna-se fundamental analisar as diferenças por gênero, pois acreditamos que a população idosa não é um segmento homogêneo. Ao contrário, em pesquisa sobre as representações sociais de idosos, no município de Santa Cruz do Sul Areosa, Bevilacqua e Werner (2003) referem que as diferenças na forma de viver e representar a velhice para homens e mulheres de terceira idade são significativas. Estas gerações que hoje estão com 60 anos ou mais nasceram até final da década de 40. Naquele momento as mulheres tinham pouca participação nas atividades fora do lar, e se supõe que isso fez com que ficassem mais preservadas de doenças que afetaram o sexo masculino do ponto de vista da mortalidade. Hoje, com as responsabilidades compartilhadas das gerações mais recentes acredita-se que essa defasagem com relação à expectativa de vida entre os sexos será menor no futuro (HEREDIA,

2000). Assim, percebe-se que o contexto social também se constitui em um importante analisador para entender a complexa teia de significados atribuída às múltiplas velhices e suas relações. E, dentro deste contexto, o que se quer com este estudo é mostrar as características das mulheres idosas que fazem parte de grupos de terceira idade vinculados a UNISC e as suas relações sociais, buscando entender as relações de amizade estabelecidas através destes grupos. Para tanto foi estudado um grupo de 262 idosos que freqüentam grupos de convivência sendo que o predomínio é do sexo feminino (80%) com idades que variam entre 60 e 89 anos. Em relação ao estado civil da amostra temos neste estudo 38% de mulheres que são viúvas e 29% que são casadas e entre os homens temos quinze (15%) que são casados e, apenas dois (2%) de viúvos. Esta diferença está relacionada à longevidade feminina, mas também ao fato de que as mulheres diferentemente dos homens, quando enviúvam não refazem suas relações afetivas, permanecendo sozinhas na condição de viúvas até o final de suas vidas. As idosas buscam manterem-se ativas em suas atividades físicas, e nestes espaços encontram e formam novos laços de amizade que propiciam benefícios em todas as esferas da sua vida. No âmbito do gênero, as mulheres geralmente constituem mais relações sociais se comparadas aos homens, devido ao fato de que tiveram uma rotina diária cheia de mediações, principalmente relacionada à criação dos filhos. Os homens possuem amizades que se configuram mais em seu círculo de trabalho, ou seja, nas relações profissionais, enquanto as mulheres constituem amizades mais próximas e íntimas na conversa e na relação de apoio mútuo. As mulheres estabelecem relações sociais mais amplas, pois buscam sempre ampliar suas redes de amizades e os homens dificilmente substituem os amigos perdidos. Sendo que os homens quando se aposentam ficam muito limitados em seu grupo social e faixa etária, depositando expectativas na família (LAFIN, 2009). As mulheres têm a tendência em ampliar suas redes sociais para além daquelas estabelecidas em seu ambiente de trabalho, desta forma ao chegar à aposentadoria conseguem construir novos projetos de vida e estabelecer relações de amizade em outros contextos com facilidade. Os homens restringem suas relações de amizade com os companheiros de trabalho e com a aposentadoria acabam perdendo estes vínculos de amizade e encontram dificuldades em estabelecer novas amizades em outros ambientes e, desta forma, o que vimos na pesquisa é que apenas um percentual pequeno (20%) de homens freqüentam grupos de convivência pra a Terceira Idade. A importância das amizades no grupo pode ser vista nesta fala de uma idosa: *“É fácil porque tem muita amizade, se uma*

*falta a gente se fala, um se preocupa com o outro” (Mulher, 75 anos, viúva). A questão sobre se consideram que tem muitos amigos nestes grupos que participam, os idosos trouxeram que 91% das relações de amizade estabelecidas fazem parte dos centros de convivência e apenas seis (6%) responderam que suas amizades não pertencem apenas aos grupos que frequentam. Os resultados apontam que 53% dos entrevistados realizam atividades fora do seu contexto do grupo com os companheiros do grupo e 44% não desenvolvem outras atividades fora do ambiente do grupo, demonstrando a importância da participação nestes espaços sociais, como podemos constatar através da seguinte fala “Sim, por que pra mim é um prazer, eu sair de casa. Não tenho ido muito, por motivo de saúde, pois estou com dificuldades de caminhar, mas é maravilhoso; mesmo que muitas vezes saí daqui cheia de dor ou triste até com alguma coisa, tu chega lá e começa a conversar e já vem com outra mentalidade, vem pra casa com outra cabeça. Às vezes, tu pensa, não tenho mais condições disso, daí tu vai lá conversa, quando tu volta, tu já volta com outra idéia, ainda posso fazer alguma coisa” (Mulher, 69 anos, viúva). Para Ortiz (2005) as amizades dos homens idosos são as que adquiriram no trabalho ou nas atividades de lazer enquanto as das mulheres está mais associada à vizinhança e as etapas de criação dos filhos, amizades que não são afetadas pelo envelhecimento ou pela aposentadoria. Segundo a autora essas são amizades muito mais íntimas apesar de serem mais escassas. Como vimos na pesquisa a maioria das amizades dos entrevistados está relacionada ao grupo de convivência ao qual pertencem, desta forma ampliando para além da família e da vizinhança as relações de amizade. Isto demonstra o quanto estes espaços sociais criados a partir da década de 80 no Brasil, vêm trazendo mais alternativas de lazer, esporte e socialização a pessoa idosa.*

## **Referências**

AREOSA, S.V.C.; BEVILACQUA, P.; WERNER, J. Representações sociais do idoso do município de Santa Cruz do Sul. *Revista Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*. Porto Alegre, v.5, p.81-100, 2003.

DEBERT, Guita G. Gênero e Envelhecimento. *Estudos Feministas*. Porto Alegre, v.2, n.3, p33-51, 1997.

HEREDIA, Olga Collin. Mulher e velhice demográfica. In: STREY, M.N.; MATTOS, F.; FENSTERSEIFER, G; e WERBA, G. *Construções e perspectivas em gênero*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2000. p.120-134.

LAFIN, Silvio Henrique Filippozzi. As Relações Familiares e o Idoso Algumas reflexões. In: BULLA, Leonia Capaverde; ARGIMON, Irani Iracema de Lima (Org). *Convivendo com o Familiar Idoso*. Editora: EDIPUCRS – Porto Alegre, 2009.

ORTIZ, Lourdes Pérez Envejecimiento y Género. In: HERNANDIS, Sacramento Pinazo; MARTINEZ, Mariano Sánchez (Orgs.). *Gerontología: Actualización, innovación y propuestas*. Madrid: Pearson Educación S.A., 2005. p.71-90.